

2. Várias moções e propostas foram aprovadas, entre elas, aquelas referindo-se à potencial ameaça que representa para a Universidade a Lei dos Estrangeiros, à deficiente divulgação entre a comunidade química do Memorial Sergio Porto realizado no Rio de Janeiro, à pouca divulgação da visita de professores estrangeiros ao Brasil pelos órgãos patrocinadores e ao CNPq e sua política atual em

relação à Pesquisa Pura e Aplicada. Destacamos aqui a proposta, aprovada pela Assembléia, que atribuiu à Diretoria empossada a tarefa de iniciar ampla consulta aos sócios da SBQ sobre a criação de uma nova revista de Química, nos moldes internacionais, para divulgação rápida de trabalhos originais.

Comissão Executiva da Sociedade Brasileira de Química - SBQ

CARTAS AO EDITOR

Senhor Editor,

Através do Setor Científico-Cultural do Instituto de Química, cuja programação Química Nova, tem, sempre que oportuno, publicado, temos tentado fazer não só um intercâmbio de idéias entre os químicos que fazem pesquisa científica, mas também gerar um maior entendimento — por parte da nossa comunidade — dos problemas gerais que afetam a comunidade científica no país, como um todo, trazendo personalidades de grande expressão, seja técnica ou administrativa.

Dentre os conferencistas convidados tivemos alguns ligados aos órgãos responsáveis pela distribuição de auxílios aos pesquisadores. Esperávamos ouvir a sua palavra — e, através dela entendermos o que, na verdade, esperavam os setores competentes da comunidade científica no país — mas também contávamos que constatassem a honestidade e seriedade do nosso trabalho.

O intercâmbio se mostrou, pelo menos no que nos diz respeito, extremamente proveitoso: o entendimento direto é, na maioria dos casos, o mais acertado.

Nesses encontros, entretanto, havia a palavra franca mas havia também, segundo me parece agora, um excesso de cuidado, de ambas as partes, em não ferir suscetibilidades. As opiniões eram expressas de maneira muito cuidadosa, o que é correto, mas que, por outro lado, não surte o efeito desejado de entendimento completo quando encontram grupos com idéias firmes e profundamente arraigadas como é próprio de pessoas que pensam, que acreditam no que pensam, mas que — até certo ponto — se fecham em círculos de mesma forma de pensar.

Entretanto as críticas que nos chegavam por diversos canais, e os cortes drásticos que recebemos nos pedidos de auxílio para a continuação dos nossos programas nos deixaram perplexos. Especialmente porque esses cortes se fundamentavam, segundo parece, não na inexistência de dinheiro, mas porque não havíamos cumprido o compromisso — anteriormente assumido quando da concessão de verbas anteriores à altura do que era esperado de nós.

Os pesquisadores na Universidade sempre pretenderam fazer pesquisa científica de alto nível, a par da sua função talvez mais nobre e útil de formar pessoal especializado de alto gabarito. Essas duas condições, juntas, exigem que a programação seja feita a longo prazo, que haja continuidade no trabalho e liberdade para continuar ou mudar de rumo quando isto se fizer necessário, e a critério exclusivo de quem está imbuído na pesquisa.

É próprio do cientista uma alta dose de curiosidade aliada, geralmente, a uma inteligência privilegiada e, certamente, a uma capacidade de trabalho e obstinação. A pesquisa científica, na sua acepção mais pura sempre se fez em prol da própria ciência, isto é, do conhecimento humano. Não reconhecia fronteiras geográficas e não aceitava objetivos mais específicos do que aqueles ditados pela pesquisa em si.

A utilização de resultados obtidos nos laboratórios científicos em aplicações tecnológicas e o desenvolvimento de países que souberam utilizar essa simbiose com bons resultados comerciais deram origem à idéia de que ciência e tecnologia tem os mesmos objetivos, que tem que ser indissociáveis se se pretende investir em ciência atendendo, ao mesmo tempo, às necessidades para o desenvolvimento do país.

A conscientização do cientista quanto à sua responsabilidade na sociedade fez com que procurasse associar o seu objetivo de ciência ao estudo — por força da própria definição de ciência, aprofundado — de assuntos de interesse tecnológico, de modo a poder subsidiar o desenvolvimento tecnológico com informações surgidas no seu trabalho de pesquisa e que, eventualmente, pudessem ser aproveitados pelos setores competentes para a consolidação de uma tecnologia mais calcada nas condições e possibilidades dos recursos do país.

No panorama do desenvolvimento de qualquer sociedade a química é importante, talvez um dos mais importantes ramos do conhecimento atual, mas nunca a única responsável pelos males e pelos benefícios que venham a ocorrer nessa sociedade. Muito menos se pode pretender resolver os problemas econômicos do país por meio da pesquisa científica em química. Para que se saia do chamado subdesenvolvimento é preciso uma ação coordenada e um esforço real em todos os setores — e neste ponto a química não se pode omitir. Mas é importante que se mantenha uma visão clara e uma atitude firme quanto às responsabilidades e as possibilidades de cada um. A contribuição da pesquisa científica em química é imprescindível e vasta, mas ela tem que ser vista dentro dos seus limites reais: primeiro por causa das dificuldades inerentes ao fato de se tentar realizar um trabalho que não é, em verdade, autóctone: as máquinas, os reagentes, e talvez até a maneira de pensar são importados; segundo, porque ela não pretende resolver problemas da tecnologia, e sim responder a perguntas fundamentais do conhecimento. Quando um cientista pesquisa sobre assuntos de interesse tecnológico cabe aos tecnólogos e tecnocratas o aproveitamento prático do conhecimento adquirido sobre esse assunto. Esse conhecimento pode não ser útil na ocasião em que é divulgado mas certamente o será no momento oportuno. Nem se pode pretender que pesquisadores engolfados em determinado campo de pesquisa se sensibilizem e, de chofre, mudem não só o rumo, mas seu campo de investigação e sua filosofia de trabalho por outro assunto, embora importante, se tenha tornado prioritário, no momento, do ponto de vista do desenvolvimento econômico do país.

Uma conferência recentemente proferida no Instituto de Química, e que originou muitas perguntas e debate, fez-nos pensar muito sobre o assunto e, embora indiretamente, nos levou a ver com clareza certos aspectos do problema.

Nessa conferência foi exposta, entre outros pontos levantados, a relação dos produtos químicos que são normalmente importados e que significam, portanto, perdas na balança de pagamentos. Segundo o próprio conferencista, na maioria dos casos esses produtos dificilmente poderiam servir de motivo para um plano de pesquisa científica da maneira como é entendida a pesquisa na Universidade. Está havendo, segundo parece, uma falha no entendimento entre os que fazem pesquisa e os funcionários de instituições que administram os recursos para a pesquisa. Os pesquisadores quando se dispõem a realizar um trabalho que julgam de boa qualidade se propõem a responder perguntas as quais, tudo indica, não correspondem às expectativas dos administradores. Um trabalho de pesquisa pode, ao mesmo tempo, ser um sucesso do ponto de vista de cientistas e um fracasso do ponto de vista daqueles que distribuem as verbas

e que estão preocupados com uma relação direta entre a química e as dívidas do país embora, em ambos os casos, se possa ter pessoas corretas, justas e de alto gabarito. A diferença de pontos de vista, de posicionamento, é tão grande que é bem possível que um projeto considerado simples demais para constituir um plano de pesquisa, e, portanto, desprezado por quem pretende fazer ciência fosse acatado pelos órgãos financiadores como a representação de uma atitude consciente e patriótica do pesquisador. Talvez nenhum dos dois esteja errado; talvez ambos o estejam. De qualquer forma, é preciso que sejam melhorados os canais de comunicação entre ambas as partes. Para que se definam posições, o que se pretende, e o que se pode fazer. Para que não se espere da comunidade científica o que ela não pretende nem pode dar. Para que seja reconhecido

o valor do trabalho que os pesquisadores brasileiros têm conseguido desenvolver a despeito das condições adversas que têm para o seu trabalho.

As posições têm que ser esclarecidas, discutidas, e revistas, para que se defina quem vai fazer o que, para que possa haver o entendimento entre pesquisadores e funcionários ou se não, será o desentendimento total e o único prejudicado será o próprio país.

Adelina Costa Neto

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1980
Instituto de Química, UFRJ, R.J.

Senhor Editor:

"Há tempo que defendo a criação de uma revista brasileira de química. Acho mais fácil escrever e ler português e me interesso mais pelos trabalhos científicos feitos no Brasil. Descobri isto lendo *Ciência e Cultura e Química Nova*.

Penso, no entanto, que os editores devem tomar mais precauções para evitarem "enganos" graves, nos trabalhos publicados. Por exemplo, no primeiro parágrafo, do trabalho de José Carlos Saraiva e Dieter B. Stusche, *Química Nova*, 61 (1980), lê-se: "Os primeiros análogos de prostaglandinas¹ foram sintetizados...", o único trabalho citado, na referência 1 é a tese de mestrado do José Carlos Saraiva, no Instituto Militar de Engenharia em 1978. Nesta data, 1978, já haviam sido sintetizados e publicados centenas de análogos de prostaglandinas. No segundo parágrafo, ao citar a referência 3, os autores cometeram o mesmo "engano".

Em defesa de uma revista brasileira de química criteriosa, peço que esta carta seja publicada em *Química Nova*."

Atenciosamente,

Gouvan C. de Magalhães

Brasília, 23/10/80

Dept.^o de Química da UFC,
Fortaleza, CE

NOTAS SOCIAIS

SÓCIOS EFETIVOS DA SBQ

(novos sócios, até 30/09/80)

539—E Mára Zeni (Campinas)
540—E Ana Maria da Costa Ferreira (São Paulo)
541—E Luiz Alfredo Pawanin (Ribeirão Preto)
542—E Julio de Campos Brandão (Rio de Janeiro)
543—E Francisco Pereira Assunção (Campinas)
544—E Ótom Anselmo de Oliveira (Campinas)
545—E Maria Regina Tavares Figueiras (Rio de Janeiro)
546—E Evandro Afonso do Nascimento (Urbelândia)
547—E Mina Makita (Campinas)
548—E Jorge José da Cunha (Rio de Janeiro)
549—E Flávio Teixeira da Silva (Campinas)
550—E Maria de Jesus Coutinho Varejão (Manaus)
551—E Roberto Alegria de Almeida (Foz de Iguaçu)
552—E Sidney Augusto Vieira Filho (Belo Horizonte)
553—E Wenzel Yu Liu (Belo Horizonte)
554—E Edilberto Rocha Silveira (Fortaleza)
555—E Ivanor Antonio Sachett (Rio de Janeiro)
556—E Shiva Prasad (Campina Grande)
557—E Teresa Dib Zambon Atvars (Campinas)
558—E Gilberto Goissis (São Carlos)
559—E Ruth Granhen Tavares (Belém)

560—E Rodolpho Nitzsche Kreter (Rio de Janeiro)
561—E Marcelo Sobral da Silva (João Pessoa)
562—E Julio Gregório Filho (Brasília)
563—E Affonso do Prado Seabra (Rio de Janeiro)
564—E Maria Helena Oliveira Troise de Magalhães (Rio de Janeiro)
565—E Cora Cunha Campos (Rio de Janeiro)
566—E Vilma Edite Heinzem (Rio de Janeiro)
567—E Ermelindo Flumignan (São Paulo)
568—E Maria Elizabete de Almeida Lima (João Pessoa)
569—E Marcel Tabak (São Carlos)
570—E Marcelo Matos Santoro (Belo Horizonte)
571—E Willibrordus Joseph Antonius Copray (Belo Horizonte)
572—E Elizabeth da Conceição Santos Guimarães (Manaus)
573—E Evalázio Fialho de Assis (Natal)
574—E Carla Maria Maia Garcia (Pelotas)
575—E Oswaldo Espirito Santo Godinho (Campinas)
576—E Luiz Carlos Caetano (Belo Horizonte)
577—E Ricardo José Alves (Juiz de Fora)
578—E Paulo Pedro Farah (Ouro Preto)
579—E Francisco de Assis Machado Reis (Campinas)
580—E Vera Regina M. Bruno (Salvador)